

# VIVÊNCIAS INTEGRADAS AOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: POSSIBILIDADES DE ALFABETIZAR ECOLOGICAMENTE OS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elizangela Leal Cavalcante<sup>1</sup>  
Carmen Lourdes dos Santos Jacaúna<sup>2</sup>

## RESUMO

Nas últimas décadas nota-se grande preocupação com o agir do homem sobre a natureza. Sua atitude vem causando desequilíbrio a mesma, tornando necessário formar cidadãos alfabetizados ecologicamente. Para tanto, usou-se neste trabalho como objetivo geral identificar o potencial da Feira do Produtor como espaço não formal para Alfabetizar Ecologicamente os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos destinam-se a verificar o que os teóricos dizem sobre a possibilidade de alfabetizar ecologicamente usando os espaços educativos não formais; proporcionar aos alunos visitaçoão ao espaço não formal de aprendizagem; desenvolver atividades que propiciem ao aluno o estabelecimento de uma relação entre produtos agrícolas e sua procedência. O trabalho norteou-se com base em pesquisa qualitativa, direcionada a abordagem dialética. Teve-se como sujeitos da pesquisa/amostra uma professora e trinta alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo. Quanto às técnicas de pesquisa utilizou-se observação estruturada: entrevista, roteiro (norteador das atividades) e questionário. Essa pesquisa se firmou nas teorias de Capra (2006); Gohn (2006); Carvalho (2011); Vieira; Bianconi e Dias (2005), entre outros teóricos necessários à fundamentação da abordagem. Os resultados permitiram constatar que, a Feira do Produtor pode ser utilizada como um espaço não formal de aprendizagem com potencial para a Alfabetização Ecológica, pois o relato de alunos e professora afirma que conhecer os processos que envolvem os produtos comercializados na feira, desperta o interesse dos alunos pelo que está sendo estudado e contribui para uma aprendizagem espontânea e significativa.

**Palavras-chave:** Alfabetização Ecológica. Espaços Não Formais. Feira do Produtor

## 1 INTRODUÇÃO

A utilização racional dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente tem se tornado a cada dia foco principal de discussões de ambientalistas e parte da população mundial. Por essa razão, Fritjof Capra (2006), físico austríaco e um dos maiores pensadores do mundo sobre sustentabilidade diz que é necessário entender que a Alfabetização Ecológica é o processo de aprendizagem da organização dos ecossistemas e da forma na qual a

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins do CESP/UEA  
E-mail: elc.21@hotmail.com

<sup>2</sup>Orientadora Prof.<sup>a</sup> MSc. do CESP/UEA E-mail: carmen.lfsl@gmail.com

sociedade humana se insere nessa estrutura, como essas múltiplas relações entre os seres e o ambiente constituem a vida na Terra.

Assim, em consonância com o pensamento de Capra (2006), surge a necessidade de oportunizar aos estudantes uma aproximação com ambientes que lhes desperte o interesse de compreender esses fenômenos. Esses ambientes são denominados por Viera; Bianconi; Dias (2005) como espaços não formais de aprendizagem; e por acreditar que a realização de práticas pedagógicas nesses ambientes é possível, é que se definiu como objetivo geral dessa pesquisa: identificar o potencial da Feira do Produtor como espaço não formal, para a Alfabetização Ecológica dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos se propõem a: verificar o que os teóricos dizem sobre a possibilidade de alfabetizar ecologicamente usando os espaços educativos não formais; proporcionar aos alunos visita ao espaço não formal de aprendizagem; desenvolver atividades que propiciem ao aluno o estabelecimento de uma relação entre produtos agrícolas e sua procedência.

Para esse entendimento utilizou-se a Feira do Produtor, localizada à Rua Boulevard 14 de Maio, no centro da cidade de Parintins/AM, nas proximidades do Colégio Nossa Senhora do Carmo, uma vez que se acredita que educação em espaços não formais pode corroborar na sensibilização dos alunos com o meio ambiente além de tornar a aprendizagem mais prazerosa.

Nesse sentido, o desenvolvimento dessa prática instiga a curiosidade dos alunos acerca de como acontece o ciclo de produção, transporte e comercialização dos produtos vendidos nesse ambiente. Pois a maioria dessa produção adentra a casa dos consumidores sem que estes conheçam sua procedência, visto que são poucas as crianças que estabelecem relação do produto com sua origem.

Esse trabalho desenvolveu-se com base em uma pesquisa qualitativa, direcionada a abordagem dialética. Os sujeitos da pesquisa/amostra constituíram-se por uma professora de Geografia e trinta alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino, do Colégio Nossa Senhora do Carmo localizado nas proximidades da Feira do Produtor.

Quanto à técnica de pesquisa foi utilizada a observação estruturada, em função de se ter um objetivo definido. E por considerar que a entrevista é importante para a coleta de dados, utilizou-se com produtores e feirantes a técnica de entrevista estruturada. Para complementação da coleta de dados fez-se uso da aplicação de questionário constituído por uma série ordenada de perguntas abertas direcionadas a professora e aos alunos.

Essa pesquisa foi embasada em teóricos como: Capra (2006); Gohn (2006); Carvalho (2011); Vieira; Bianconi; Dias (2005), entre outros. E dividiu-se em dois momentos, o primeiro faz uma explanação teórica acerca do tema em questão e o segundo momento apresenta a análise e interpretação dos dados coletados.

## **2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A Educação Ambiental (EA) surge em meados do séc. XX como a proposta de estimular o surgimento de uma cultura de ligação entre natureza e sociedade, através da formação de uma atitude ecológica nas pessoas.

A partir da década de 70 os debates sobre a questão ambiental aumentaram, o que fez com que aparecessem os movimentos ambientalistas. Após a realização de vários encontros nacionais e internacionais, envolvendo instituições governamentais e não governamentais, chegou-se a conclusão de que a educação seria a ferramenta de mudanças nas relações do homem com o ambiente.

Nesse sentido, a Educação Ambiental objetivou a formação de sujeitos capazes de compreender a realidade em que estão inseridos e agir nela de forma consciente. Carvalho (2011, p. 79) diz que “a EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental” e que esse processo será possível com a participação de educadores, facultando uma percepção mais compreensível da coesão sociedade e ambiente na formação de sujeitos ecológicos.

Dessa forma, a Educação Ambiental voltada ao processo educativo possibilita a compreensão da realidade ambiental existente, sendo ele realizado em espaço formal ou não formal de aprendizagem. O ensino capacita o aluno a fazer opções conscientes no seu dia-a-dia por isso, “a educação ambiental não pode ser apenas uma tarefa da escola, ela envolve ações práticas que dizem respeito ao nosso comportamento nos vários ambientes (na família, na escola, na cidade, na empresa etc.)” (LIBÂNEO, 2004, p. 60), devendo ultrapassar os muros da escola e chegar até o ambiente em que as pessoas frequentam, fazendo parte de seu cotidiano.

Nesse sentido, faz-se necessário que a escola trabalhe a educação ambiental centrada na Alfabetização Ecológica de estudantes das séries iniciais, levando-os a "compreender as múltiplas relações que se estabelecem entre todos os seres vivos e o ambiente onde vivem, e que tais relações, constituem a teia que sustenta a vida do planeta" (CAPRA, 2006, p.11). E para ascensão desse processo de ensino-aprendizagem a Geografia, por ser uma ciência que

percebe o mundo através de leitura do espaço, utilizando os espaços não formais de aprendizagem, pode contribuir na consolidação de uma nova postura ética em relação ao meio ambiente.

## **2.1 Interfaces entre ensino de Geografia e Alfabetização Ecológica**

A Geografia é uma ciência que acompanha as transformações do mundo possibilitando perceber as ações homem-natureza, e a Alfabetização Ecológica, modalidade da educação ambiental fundamentada na Ecologia, favorece a compreensão do funcionamento da natureza. Desse modo, através de seus temas de estudo, a Geografia possibilita relação com a Alfabetização Ecológica, estabelecendo conexão ensino-aprendizagem nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental. Permitindo que o educando se perceba como parte integrante da natureza e não superior a ela.

Diante o exposto, Capra (2006, p. 23) ressalta que “quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes” e que por meio da abordagem das categorias de análise da geografia (paisagem, lugar, região, território e espaço) podemos trabalhar a Alfabetização Ecológica dos educandos, visto que a Geografia é uma das disciplinas mais adequadas para o desenvolvimento das temáticas ambientais.

Assim, diante do contexto contemporâneo, a coesão dos saberes Geografia/Alfabetização Ecológica permite suscitar um modelo de educação com práticas pedagógicas, que deem ênfase ao estudo do homem em sociedade e suas ações para as transformações no espaço. Pois a Geografia possibilita o entrosamento do social e do natural.

Nesse sentido, a Alfabetização Ecológica busca permitir que os educandos compreendam e se percebam como parte do meio em que vivem. Dando início a um processo de mudanças em seus comportamentos, transformando-os em sociedades com conduta ambientalmente correta, capazes de desenvolver práticas sustentáveis.

Nessa perspectiva, Ibidem (p. 22) nos diz que “devemos nos debruçar, observar e aprender com as sociedades (tradicionais) que se sustentaram durante séculos, respeitando a capacidade de suporte do ambiente em que viviam,” ou seja, interagem com a natureza retirando apenas o necessário às suas necessidades sem exceder seus limites de reposição.

Temos que ser sensíveis aos modos de vida das sociedades tradicionais e renovar nossas atitudes, entender que fazemos parte da teia da vida e que precisamos desenvolver

hábitos que respeitem a vida do planeta. Para tanto, o ensino de Geografia/Alfabetização Ecológica contribuem com um novo entendimento do processo de aprendizagem sobre a vida no planeta, constituindo comunidades mais sensíveis às ações sustentáveis.

Capra (2013) defende a ideia de que “uma comunidade sustentável deve ser desenvolvida de forma que a nossa forma de viver, nossos negócios, nossa economia, tecnologias, e estruturas físicas não interfiram na capacidade da natureza de sustentar a vida”. Mas, para que isso aconteça é preciso que conheçamos os princípios básicos da ecologia, só então entenderemos o funcionamento e a organização de comunidades sustentáveis como de plantas, animais e microrganismos, ou seja, de ecossistemas. E como consequência formar comunidades humanas sustentáveis.

Conhecer os princípios básicos de ecologia é o primeiro passo para a Alfabetização Ecológica. Entre os mais importantes estão “interdependência”, “ciclos”, “parceria”, “diversidade” e “fluxos”. Para melhor elucidar o processo, é preciso trabalhar suas definições:

- ✓ Interdependência: tudo está interligado numa teia de relações, uns dependem dos outros para seu funcionamento;
- ✓ Ciclos ecológicos ou reciclagem: o que é resíduo para uma espécie é alimento para outra;
- ✓ Parceria ou sistema aninhado: evolução em conjunto, criação e adaptação mútua.
- ✓ Diversidade ou equilíbrio dinâmico: elos da rede preenchem a função da espécie destruída.
- ✓ Fluxo de energia: a energia solar, transformada, comanda os ciclos ecológicos;

Esses cinco princípios básicos da ecologia, embasados em Capra (2006), nos direcionam a desenvolver hábitos e atitudes sustentáveis. Essa compreensão levará as comunidades humanas a um relacionamento equilibrado com a natureza, despertando instinto de conservação e amor à vida existente no planeta.

Nesse sentido, o ensino de Geografia, juntamente com a Alfabetização Ecológica, busca “levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza” (OLIVEIRA, 2003.p.142). Para tanto, podem-se realizar práticas educativas em espaços não formais de aprendizagem, visto que esses lugares segundo Candau (2010), além de despertar o interesse dos alunos e facilitar o ensino-aprendizagem, conduzem o educando a refletir sobre suas ações no meio em que estão inseridos e são verdadeiros ecossistema educacionais.

Mas, para que isso aconteça professores, alunos e administradores precisam entender que fazem parte de uma comunidade, onde tudo está conectado a uma rede de relações, e que trabalhando juntos como facilitadores da aprendizagem, contribuirão para a formação de valores e atitudes renovadas. Com nova postura diante das questões ambientais.

### **3 ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM**

A palavra educação direciona nosso pensamento à escola, em sua forma institucional e tradicional, porém, essa forma de ensino-aprendizagem somente em espaços escolares formais está mudando. A educação está buscando novas formas de ensino, além dos muros da escola.

A escola é funcional, mas em sua forma tradicional de ensino, se limita a repassar conteúdos encontrados nos livros didáticos, priorizando o acúmulo de conhecimento. E a educação não pode mais se estreitar ao contexto escolar, ela precisa valorizar o conhecimento trazido pelo educando. Precisa contextualizar as teorias adquiridas em sala de aula com as experiências vivenciadas em seu cotidiano. E assim, contribuir para uma educação de qualidade.

Pensar em educação nem sempre se refere à escola. Nesse sentido, se faz necessário estabelecer a diferença entre educação formal, educação informal e educação não formal.

A educação formal acontece na escola, instituições regulamentadas por lei, mediante a presença do professor transmitindo conteúdos regimentados em sequência organizada. A educação informal é consequência de processos espontâneos e se estende ao longo da vida como, por exemplo: em meio à família, a interação a grupos sociais, os meios de comunicação de massa, produzindo conhecimentos e valores diante dos obstáculos cotidianos. Enquanto que a educação não formal se desenvolve em diversos espaços fora do sistema formal de ensino, locais onde há processos interativos intencionais que facilitam melhor aprendizagem do educando.

De acordo com Gohn (2006, p.2):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Segundo Gohn (2006) e Jacobucci (2008), o modelo educação não formal é recente no Brasil, sua manifestação vem se fortalecendo através de congressos e encontros voltados ao

ensino. Essa educação acontece em diferentes lugares denominados de espaços não formais de aprendizagem por isso, ainda são poucas as escolas a desenvolver a prática.

Sobre espaços não formais de aprendizagem Jacobucci (2008, p. 55) nos diz que:

O termo “espaço não formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas.

Por isso diz-se que, qualquer espaço fora do âmbito escolar que possa favorecer ensino-aprendizagem é considerando um espaço não formal de aprendizagem. Ressaltando que, diferentes denominações são dadas as atividades desenvolvidas nesses espaços, mas todas tem em comum sua realização em ambientes não escolares possuindo características intrínsecas que podem propiciar ao educando melhor entendimento dos conteúdos das disciplinas escolares. Entre elas podemos citar aulas de campo, aulas de educação ambiental, estudos do meio, saídas de campo, visitas externas, excursões, visitas orientadas e passeios. (FERNANDES, 2007; OLIVEIRA; GASTA, 2008; MARANDINO et al., 2009).

Em Oliveira; Gasta (2008, p. 2) se encontrou a seguinte classificação para espaços não formais:

Podemos considerar como espaços não formais todos aqueles situados fora dos limites geográficos da escola, tais como uma praça, uma avenida, uma quadra comercial e/ou residencial, centros comerciais, uma indústria, centros de pesquisa, reservas naturais, museus, centros de ciências, feiras, parques, entre outros ambientes urbanos, rurais e naturais.

Na visão de Jacobucci (2008, p.56) existem duas categorias de espaços não formais, os Institucionais e os Não-Institucionais:

Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços.

Esses espaços além de propiciar educação diferenciada ampliam o conhecimento do educando. E quando voltados ao ensino de Geografia dispõem de potencialidades para alfabetizar ecologicamente alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Mas, para o bom êxito dessa prática, antes da visita, o professor deverá buscar informações do espaço e preliminarmente determinar um roteiro de estudo sobre o que deverá

ser observado pelos alunos. Visto que esses espaços dispõem de potencialidades ao ensino-aprendizagem, com aulas bem estruturadas, contribuem para uma educação de qualidade.

Tendo em vista a alfabetização ecológica dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo, utilizamos a Feira do Produtor localizada nas proximidades da escola. Pois neste espaço, os alunos terão oportunidade de conhecer a produção do agricultor local e regional. Assim como, também, através dessa prática podemos instigar a curiosidade dos alunos acerca de como acontece o ciclo de produção, transporte e comercialização dos produtos vendidos nesse ambiente.

Dessa forma, práticas educativas desenvolvidas em espaços não formais, além de ser interessantes, estimulam a aprendizagem do educando. E a feira do produtor além de contemplar temas do ensino de Geografia/Alfabetização Ecológica ainda aproxima o educando de seu cotidiano.

### **3.1 Um espaço de educação não formal – a Feira do Produtor**

Nas últimas décadas o processo educacional vem buscando novos caminhos para disseminar seu ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os espaços não formais vêm difundindo sua proposta de ensino e obtendo credibilidade no campo educacional, criando possibilidades para a construção de um ensino que valorize o conhecimento prévio do educando, enriquecendo sua concepção através da prática e da observação evidenciada pelos espaços não formais de aprendizagem.

A fim de, proporcionar aulas diferenciadas que estimule e instigue o aprendizado dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, optou-se em levá-los a um espaço não formal. Nesse sentido, se pensou a Feira do Produtor localizada no entorno da escola.

A Feira do Produtor é um lugar público que serve para a comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar, que é a produção de “agricultores que produzem regularmente excedentes comercializáveis por meio do trabalho organizado em torno de uma família” (ROSA 1998, p. 16), que a nosso ver, oferecem potencialidades para o ensino de Geografia/Alfabetização Ecológica. Corroborando para a reflexão do educando sobre o ciclo de produção, transporte e comercialização dos produtos vendidos no local. Favorecendo a compreensão sobre a relação dos produtos com sua origem. Pois de acordo com Capra (2006), na contemporaneidade a maioria das crianças é capaz de identificar uma variedade de logotipos de produtos e não conhecer os nomes das plantas, árvores ou pássaros de seu entorno.

A Feira do Produtor, utilizada como espaço não formal de aprendizagem, nos possibilita trabalhar com os alunos alguns temas relacionados à Geografia como, por exemplo:

- As atividades agrícolas desenvolvidas pelas antigas civilizações no período Neolítico onde, através da observação as mulheres compreenderam que quando as sementes caíam na terra elas germinavam gerando novas plantas. E que com a descoberta desse fenômeno natural os antigos povos perceberam que só precisavam cuidar da colheita, retirando da natureza somente os recursos necessários à sobrevivência de sua comunidade.
- Torna possível o entendimento da divisão social do trabalho.
- A diferença entre agricultura tradicional, que “se apoia em conhecimentos acumulados pelas comunidades locais, geralmente transmitidos oralmente”, e agricultura moderna, “atividade agrícola que emprega os insumos e as inovações tecnológicas desenvolvidas nas últimas décadas” (ROSA 1998, p.16, 17). Salientando aos educandos a diferença entre a prática desenvolvida pelos povos ribeirinhos dos rios amazônicos e a agricultura desenvolvida pela maioria dos sojicultores do cerrado brasileiro.
- Conduzir o educando a uma reflexão sobre a variedade de produtos comercializados na feira. De acordo com Ibidem (p.14): “as variedades podem representar diferenças marcantes entre si em relação a aspectos como tamanho, resistência às pragas, produtividade, sabor ou tolerância às condições ambientais diversas (seca, alagamento, frio, etc.)”. Aproveitando essas diferenças podemos chamar atenção para o sistema de produção, regionalidade, clima, tipo de solo, entre outros.

Acreditamos que a feira do produtor utilizada como espaço não formal para o ensino de Geografia é o ponto de partida para a alfabetização ecológica dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, por fornecer elementos que possibilitam ao educando compreender as relações do ser humano com a natureza. Além de integrar a escola com o seu entorno, contribui para melhorar o rendimento escolar do aluno, pois cada aluno tem ritmo próprio de aprendizado e aulas em espaços não formais facilitam o conhecimento.

### **3.2 Breve Histórico da Feira do Produtor**

Não se sabe ao certo a data em que se iniciaram as atividades da Feira do Produtor. Segundo informações obtidas na Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento (SEMPA), não existe um histórico oficial do local. O que se sabe é que suas atividades

tiveram início na rampa do Mercado Municipal localizado a Rua Rui Barbosa em frente à Praça Eduardo Ribeiro. Com a finalidade de atender a comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar dos produtores das comunidades do município de Parintins.

Com o passar dos anos a presença de produtores foi aumentando e o espaço se tornou pequeno para a exposição dos produtos. Em 1992 a feira foi transferida para um espaço pertencente ao Porto de Parintins. Em 2005 a reforma do porto fez com que a feira fosse transferida para o prédio pertencente à Cooperativa Mista dos Jucultores de Parintins, localizada a Rua Boulevard 14 de Maio, no centro da cidade de Parintins/AM, onde funciona até os dias atuais.

Segundo a SEMPA, nos dias de sexta-feira e sábado a comercialização é voltada aos produtores rurais<sup>1</sup> vindos das diversas comunidades do município de Parintins. E de domingo a quinta-feira o espaço é direcionado somente aos feirantes<sup>2</sup> que já ocupam o local durante a semana, realizando a comercialização de seus produtos.

### Localização da Feira do Produtor na cidade de Parintins/AM.

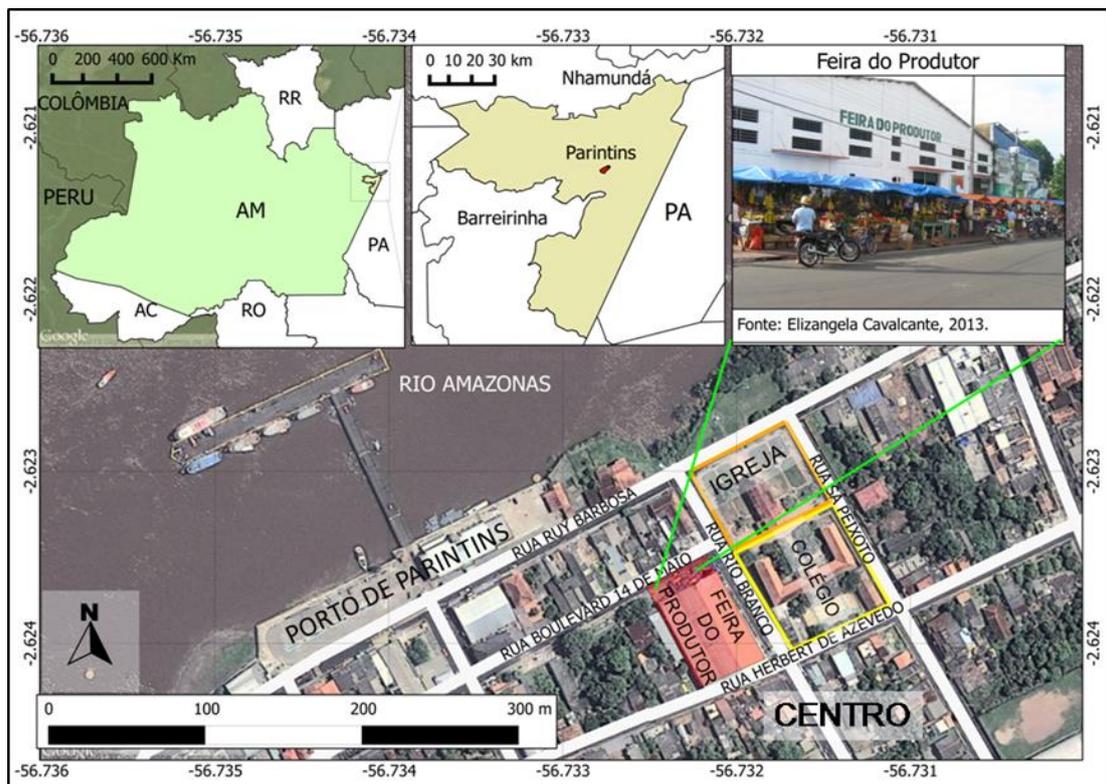


Figura 1: Localização da Feira do Produtor na cidade de Parintins/AM.

Fonte da Imagem: Google Earth/2013.

Org.: Rogério Prestes; Elizangela Cavalcante/ 2013.

<sup>1</sup> Produz e comercializa seus produtos na feira.

<sup>2</sup> Apenas realiza a comercialização dos produtos da feira.

## **4 PASSOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

A busca por novos caminhos para disseminar o ensino-aprendizagem é um dos desafios da contemporaneidade. A fim de, criar possibilidades para a construção de um ensino que alfabetize ecologicamente os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, valorizando fatos de seu cotidiano, utilizamos a Feira do Produtor localizada a Rua Boulevard 14 de Maio, no centro da cidade de Parintins/AM, para o desenvolvimento desse trabalho. Por acreditarmos em suas potencialidades para ensino, podendo ser considerada um espaço não formal de aprendizagem.

A pesquisa norteou-se com base em abordagem qualitativa por nos permitir entender situações complexas e processos dinâmicos vividos por grupos. Na abordagem qualitativa o processo é o foco principal, ou seja, o interesse está em entender como acontece a dinâmica existente entre o sujeito e sua realidade e não o resultado desse processo (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Quanto à metodologia nos direcionamos a abordagem dialética por possibilitar reflexão acerca da realidade. Realidade que está sendo sempre refutada, passando por mudanças e assumindo novas formas, prosseguindo através de negações (Ibidem).

Essa pesquisa teve por objetivo identificar o potencial da Feira do Produtor como espaço não formal para Alfabetizar Ecologicamente dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Desse modo, tivemos como objeto de estudo a Feira do Produtor da cidade de Parintins, onde se buscou analisar suas potencialidades para o ensino-aprendizagem por considerá-la um espaço não formal de aprendizagem e por localizar-se próximo ao Colégio Nossa Senhora do Carmo, uma escola da rede estadual de ensino, o que proporcionou facilidade no deslocamento dos estudantes.

Para sujeitos da pesquisa/amostra embasou-se em Oliveira, S. L. (2002), e constituiu-se por 01 professora e 30 alunos da turma “1” do 6º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino do Colégio Nossa Senhora do Carmo, localizado na Praça Sagrado Coração de Jesus, S/N, nas proximidades da Feira do Produtor. Os alunos foram selecionados em concordância com gestora da escola e professora de Geografia. A proximidade existente entre os dois ambientes (feira e escola) favoreceu o desenvolvimento do trabalho.

Quanto a técnicas de pesquisa nos fundamentamos em Marconi; Lakatos (2008). Nesta pesquisa utilizamos a observação estruturada (sistemática, planejada, controlada), por sabermos o que procurávamos e o que carecia de importância em determinada situação.

Por considerarmos que a entrevista é importante para a coleta de dados, utilizamos com produtores e feirantes, a técnica de entrevista estruturada por dispor de roteiro previamente estabelecido e, geralmente, dirigida a pessoas selecionadas. Onde os entrevistados respondem as mesmas perguntas, permitindo posteriormente uma comparação entre as respostas (GIL, 1999; MARCONI; LAKATOS 2008;). Essa entrevista serviu como roteiro para que os alunos conheçam as atividades de produtores e feirantes durante a visita à feira.

Para complementação da coleta de dados lançamos mão da aplicação de questionário constituído por uma série ordenada de perguntas abertas, a professora e alunos, permitindo repostas livres. Possibilitando melhor precisão ao que se deseja (GIL, 1999).

## **5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

A pesquisa Vivências Integradas aos Espaços Não Formais: possibilidades de alfabetizar ecologicamente os alunos do 6º ano do ensino fundamental teve início com a realização de levantamento bibliográfico relacionado ao tema proposto. Em seguida contactou-se com o responsável pela Feira do Produtor, onde se conseguiu autorização da administração local para o desenvolvimento da atividade com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Que informou que sexta-feira e sábado era o melhor dia para desenvolver a atividade com os alunos. Nesses dois dias os próprios produtores rurais comercializavam seus produtos. Nos outros dias, no espaço da feira, só estariam os feirantes.

Em seguida, ocorreu a apresentação do projeto à comunidade escolar do Colégio Nossa Senhora do Carmo. A gestora e a professora de Geografia do 6º ano nos auxiliaram na seleção de uma turma de alunos para o desenvolvimento da pesquisa. A turma escolhida foi o 6º ano “1”, devido o desenvolvimento de aulas de Geografia as sextas-feiras no quinto tempo, ou seja, o horário de 10h30min às 11h20min era ideal para levar os alunos a feira, pois nessa hora o fluxo de pessoas era pequeno e não iria atrapalhar a comercialização dos produtos.

Após elaboração de um plano para a prática da atividade na Feira do Produtor, falou-se aos alunos do 6º ano “1,” juntamente com a professora, como seria desenvolvido o trabalho.

Preparou-se uma aula onde foi possível orientar os alunos sobre a visita a feira e os pontos que eles deveriam observar. Orientamo-los quanto seu comportamento durante a visita, dissemos-lhes que evitassem falar alto, evitassem manusear os produtos e andassem sempre em grupo.

Para a busca de informações sobre os produtos vendidos no local, no dia da visita, os alunos seguiram um roteiro de perguntas estruturadas. Essas perguntas foram utilizadas para entrevistar produtores e feirantes. Buscando informações sobre o cultivo da produção, a regionalidade, o transporte, o preparo do solo, etc.

Para anotar as observações os alunos utilizaram caderno e caneta. De acordo com Minayo (1993, p: 100), o caderno de campo serve para fazer anotações e “[...] observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa”. Essas observações contribuíram para as respostas do questionário que alunos e professora responderam ao final da atividade na feira.

### **5.1 Visitando a Feira do Produtor**

No dia da visita à feira os estudantes estavam ansiosos. Perguntou-se se eles viam a Feira do Produtor como um local capaz de proporcionar o ensino de Geografia. A maioria respondeu que não.

Ainda em sala de aula, os alunos receberam crachás identificando-os como pesquisadores e roteiro contendo dez perguntas, utilizadas para entrevistar produtores e feirantes, como por exemplo: Como os produtos são cultivados? De onde vêm esses produtos? Que produtos são de nossa região e quais vêm de fora?

O roteiro indicava que a visita seria dividida em dois momentos: o primeiro momento foi de entrevista com os produtores rurais e de observar os produtos vendidos por eles, e o segundo momento entrevista com feirantes (vendedores de frutas, verduras, legumes, etc.).

Chegando a feira, produtores, feirantes e até mesmo os consumidores, que estavam no local no momento da visita, foram muito receptivos com os estudantes.

A entrevista com os produtores despertou o interesse dos alunos. Do mesmo modo, com bastante atenção, os produtores responderam as perguntas detalhando bem todas as respostas. Isso fez com que os alunos se sentissem a vontade e demonstrassem satisfação em estar ouvindo o depoimento de cada agricultor.

Nesse primeiro momento os estudantes ficaram conhecendo o processo de cultivo da mandioca e a produção de seus derivados. Os produtores falaram, também, sobre os produtos provenientes do extrativismo, transporte da produção, preparo do roçado e as dificuldades encontradas para realizar sua produção.



Figura 2 – Entrevista com agricultor na Feira do Produtor.  
Fonte: Elizangela Cavalcante –jul./2013.

No segundo momento da entrevista, a mesma lista de perguntas foi direcionada aos feirantes.

Assim como aconteceu com os produtores os feirantes, também, foram atenciosos com os alunos. Nessa segunda parte de entrevista os alunos descobriram que na feira existem produtos provenientes de outros lugares. Não produzidos pelos agricultores locais como, por exemplo: maçã, uva, morango, pera, cebola, tomate, batata, muitos deles fornecidos pelo Estado do Pará, mas que vem de outras regiões.

Essa descoberta gerou curiosidade nos alunos, sobre os meios de transportes que são utilizados para que essa produção chegue até Parintins. Bem como, o porquê de frutas como morango e uva não serem produzidos pelos produtores locais.

A visita à feira foi realizada com tranquilidade. A turma de alunos se mostrou muito satisfeita por ter participado dessa atividade diferenciada. Até a professora de Geografia que participou da visita, demonstrou vontade em levar as outras turmas para compartilhar da experiência adquirida na feira.

No retorno a sala de aula, foi realizada a aplicação de um questionário aos alunos a fim de, avaliar os conhecimentos obtidos durante a atividade na Feira do Produtor. E a professora, para saber seus conhecimentos sobre espaços não formais de aprendizagem.



Figura 3 – Entrevista com feirante na Feira do Produtor.  
Fonte: Elizangela Cavalcante – Jul./2013.

## **5.2 Finalizando atividade de visita à Feira do Produtor**

Na segunda-feira voltou-se a sala de aula do 6º ano “1” para ouvir as impressões dos alunos sobre a visita a Feira do Produtor e para esclarecimento de possíveis dúvidas adquiridas durante a visitação.

Preparou-se uma apresentação em slides com imagens dos produtos observados no local. Dessa forma, foi possível retomar ao que tinham observado na feira. Essa apresentação fez com que, de modo espontâneo, os alunos comentassem sobre o que tinham vivenciado.

Aproveitou-se o entusiasmo com que discutiam o assunto e novamente se fez a mesma pergunta realizada antes da prática da atividade: E agora após a realização da atividade, vocês acham que a Feira do Produtor tem potencialidades para o ensino de Geografia? Agora eles não tiveram mais dúvidas e todos responderam que sim.

Ao se depararem com as imagens, os alunos lembraram o que tinham observado e ouvido durante a entrevista com produtores e feirantes. Nesse momento, aproveitou-se para esclarecer as dúvidas que foram surgindo, como por exemplo: Por que frutos como maçã, morango e uva não são cultivados pelos produtores locais?

Essa pergunta deu possibilidades para abordar temas da geografia como solo, clima, região, transporte, entre outras que surgiram no decorrer da explicação dos assuntos.

Essa aula, também, permitiu mostrar imagens de plantas ou árvores correspondentes a cada fruto, verdura ou legume visualizado durante a visita. Pois a maioria dos alunos não

tinha esse conhecimento. A mandioca lhes chamou muito a atenção, por sua diversidade de derivados.

Por fim, alguns alunos falaram sobre o extrativismo. Disseram desconhecer essa atividade que consiste na extração de produtos que a natureza produz, sem a ação humana. Pensavam que todos os produtos da feira eram cultivados pelos produtores.

Essa discussão deu a oportunidade de falar sobre a alfabetização ecológica. Levando os estudantes a entender que a natureza tem grande importância para a vida existente na Terra, exemplificando que as antigas civilizações se alimentavam com frutos colhidos da floresta. E que a boa relação dessas civilizações com o meio em que viveram foi muito importante para a boa qualidade de vida atual. Falou-se que o ser humano faz parte de um ciclo natural, que vive em conjunto com a natureza. Não superior a ela. Por isso, cada ser humano deve utilizar somente os recursos necessários à sua sobrevivência, respeitando a capacidade de reposição da natureza e assim, garantir sustento para as futuras gerações (CAPRA, 2006).

Dessa forma, entendeu-se que a visita com a turma de alunos do 6º ano “1”, a Feira do Produtor, foi relevante para o conhecimento de suas potencialidades como espaço não formal para o ensino de Geografia e para dar início a Alfabetização Ecológica dos alunos. Em suma, cabe à comunidade escolar descobrir como, e tirar proveito desse ambiente que oferece uma diversidade de atrativos que podem ser explorados, não só por professores de Geografia, mas interdisciplinarmente e assim contribuir para a Alfabetização Ecológica dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

### **5.3 Conhecimento dos alunos sobre os produtos comercializados na Feira do Produtor**

Para construção do processo de análise tomou-se por base autores como Capra (2006) e Vieira; Bianconi; Dias (2005), buscando articulação entre suas proposições e os resultados obtidos em nossa visita a Feira do Produtor. Embora a quantidade significativa de informações adquiridas com a aplicação do questionário, deu-se ênfase somente a duas respostas. Utilizaram-se, também, trechos de um texto produzido, de forma espontânea, por alguns alunos relatando a experiência adquirida com a atividade.

Em suas respostas ao questionário, os alunos revelaram que a atividade desenvolvida foi proveitosa e contribuiu para o conhecimento do processo que envolve os produtos comercializados no local. Vejamos as respostas de perguntas do questionário que foram transcritas na íntegra:

Como os produtores entrevistados cultivavam a mandioca?

*Faz a limpeza do roçado e queima, depois faz o plantio com mudas. Os produtores não usa (sic) máquinas e adubo só uma enxada e terra queimada (Aluna do 6º ano “1” do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo).*

De onde vêm os produtos comercializados na Feira do Produtor?

*Das comunidades da nossa região são farinha, beiju, tapioca, tucupi, etc. E os que vêm de fora são maçã, uva, pera e morango (Aluno do 6º ano “1” do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo).*

O depoimento dos alunos mostrou que, a visita à feira contribuiu para conhecimentos sobre a produção realizada pela agricultura familiar desenvolvida em nosso município. Nesse sentido, a utilização da Feira do Produtor, como um espaço não formal de aprendizagem, possibilitou abordar temas de Geografia adequados ao ensino de Alfabetização Ecológica, estimulando a “[...] curiosidade e a admiração, aumentado a sua sensibilidade com relação à natureza, assim como a sua expressividade ao reagir ao meio ambiente. [...]” (CAPRA 2006, p. 147). Possibilitando ao aluno relacionar teorias aprendidas em sala de aula com práticas de seu cotidiano.

Outra evidência de que a Feira do Produtor pode ser considerada um espaço não formal de aprendizagem, é o que nos relata em sua produção textual uma aluna do 6º ano “1” acerca dos conhecimentos adquiridos na atividade desenvolvida na feira:

*A visita na feira foi muito interessante porque aprendi muitas coisas com a explicação dos produtores.*

*O nome de alguns produtos comercializados na feira é a farinha, bejú (sic), tapioca, tucupi, pé-de-moleque, farinha de mandioca, batata, beringela (sic), repolho, cenoura, [...]. A mandioca é um produto utilizado em nossa região com ela podemos fazer muitas coisas como: farinha, bejú, tucupi, tapioca, pé-de-moleque. Nos últimos (sic) meses os produtos feito com a mandioca estão mais caros porque o incentivo (sic) e a produção esta sendo difícil, fazendo com que os produtos se tornem caro. E o que tem dificultado o cultivo desse produto é a falta de incentivo (sic) dos governantes para com os agricultores e muitas vezes o próprio solo que não contribui para um bom cultivo. O meio de transporte utilizado para trazer os produtos a feira é o barco e o caminhão.*

*[...] na feira do produtor encontramos uma diversidade de produtos diferentes, trazidos de diversos lugares da Amazônia e de outras regiões, tornando possível o conhecimento de cada produto e sua origem.*

*Que é muito importante para o ensino de geografia.*

*(Depoimento extraído de texto da aluna do 6º ano “1” do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora do Carmo, 2013)*

A narrativa da aluna mostra que a visita à feira contribuiu para seu conhecimento, enfatizando o que Vieira; Bianconi; Dias (2005, p. 23) expõem sobre atividade em espaços não formal: “os alunos comentam sempre que, quando observados, os conteúdos são mais

bem assimilados, e que o convívio social, tanto com seus colegas quanto com seus professores, torna-os mais estimulados”. Isso demonstra que a prática nesses espaços, além de proporcionar uma aprendizagem eficaz ainda desperta o interesse dos alunos.

Desse modo, compreendeu-se que a Feira do Produtor da cidade de Parintins, dispõe de potencialidades para o ensino de Geografia, podendo ser considerada um espaço não formal de aprendizagem. Podendo ainda, com aulas bem estruturadas, auxiliar na Alfabetização Ecológica dos alunos, proporcionando ensino-aprendizagem que complemente os conteúdos abordados na sala de aula.

#### **5.4 Conhecimentos da professora sobre os espaços não formais de aprendizagem**

A aplicação de um questionário, com cinco perguntas abertas, possibilitou saber como a professora de Geografia do 6º ano “1” percebe os espaços não formais de aprendizagem. Deu-se ênfase a três respostas, que possibilitam explicar esse conhecimento:

Qual seu conhecimento sobre espaços não formais de aprendizagem?

*Eu sempre saí com os alunos para conhecermos o entorno da escola, a praça da igreja, observar a paisagem, o rio. Mas a feira nunca chamou minha atenção. Quanto ao nome espaço não formal, eu não conhecia esse termo (Professora de Geografia do 6º ano “1”).*

O termo espaço não formal é um termo que está sendo usado há pouco tempo. Isso pode justificar a falta de conhecimento da professora sobre o assunto. Mas, ficou claro em sua primeira resposta que ela, juntamente com os alunos, já desenvolveu atividades em espaços não formais, pois se sabe que qualquer espaço fora do âmbito escolar que possa favorecer ensino-aprendizagem, é considerando um espaço não formal de aprendizagem.

Descreva suas impressões sobre a visita a Feira do Produtor realizada com a turma de alunos do 6º ano “1”.

*Foram as melhores possíveis, os alunos ficaram entusiasmados, com tudo que eles viram, principalmente com a entrevista que fizeram junto aos produtores rurais, o contato com frutas e legumes que muitos nem conheciam (Professora de Geografia do 6º ano “1”).*

Em sua segunda resposta a professora ressalta o interesse dos estudantes por essas atividades diferenciadas, o que Vieira; Bianconi; Dias (2005, p. 23) confirmam quando dizem que “a participação dos alunos nessas aulas e a forma dinâmica como acontecem, são vistas como positivas pelos professores, pois, na sua concepção, caracterizam-nas como lúdicas e prazerosas,” além de facilitar o aprendizado.

Quanto às potencialidades da Feira do Produtor para o ensino-aprendizagem, a professora relata que “o próprio espaço, a agricultura, o agricultor e o feirante, a população

*que vai à feira fazer compras. Tudo proporciona o ensino de Geografia,*” e quando bem planejada, a abordagem dos assuntos proporcionados por esses espaços, podem colaborar para a qualidade do ensino, estimulando os alunos a busca de conhecimento.

Assim, os resultados permitiram constatar que a Feira do Produtor é um espaço não formal de aprendizagem, pois o relato de alunos e professora afirma que, conhecer os processos que envolvem os produtos comercializados na feira despertou o interesse dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem espontânea e significativa.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo revela que o termo espaço não formal de aprendizagem ainda é pouco conhecido pela comunidade escolar, o que contribui para pouca existência de fontes bibliográficas. Mas que, mesmo assim, existem professores que desenvolvem atividades escolares nesses espaços, utilizando diferentes denominações.

Percebeu-se que, a prática utilizando a Feira do Produtor como espaço não formal de aprendizagem, colaborou para o aprendizado dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Pois o conhecimento transmitido por produtores e feirantes, e a observação dos produtos comercializados contribuiu para o ensino de Geografia, permitindo a iniciação da Alfabetização Ecológica dos alunos. O que despertou interesse e reflexão acerca do processo de produção, comercialização e transporte dos produtos comercializados na feira.

Mas, sabemos que a Alfabetização Ecológica é um processo contínuo e importante na formação da educação individual e coletiva do ser humano. Assim, a Feira do Produtor como um espaço não formal de aprendizagem, precisa ser vinculada às propostas político pedagógicas das escolas. Pois possui vitalidade para além do que observamos no local e a comunidade escolar precisa se apropriar desses conhecimentos.

Cabe ao professor refletir sobre sua prática docente e entender que com aulas planejadas e bem estruturadas, é possível disseminar sementes de conhecimento em qualquer lugar. E as informações adquiridas nesses espaços, aliadas as da escola, favorece a germinação dessa semente de conhecimento. Contribuindo para a Alfabetização Ecológica dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, levando-os a adotar posturas que lhes permitam viver em uma relação construtiva consigo mesmo e com o meio. E a geografia, como disciplina que interage conhecimentos sobre as ações humanas e naturais, pode contribuir para essa conquista.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, V. M. F. (org.). **Construir Ecossistemas Educativos**. Reinventar a Escola. In: Reinventar a Escola. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 11 a 16. 2010.
- CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. – São Paulo Cultrix, 2006.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.
- FERNANDES, J. A. B. **Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o teórico e o empírico**. Tese de Doutorado. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOHN, M G. **Educação não-formal na pedagogia social**. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível em: <<https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 24 ago. 2013.
- JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Revista Em extensão, vol. 7. Uberlândia, p. 55 a 66, 2008. Disponível em: <<https://www.google.com.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2013.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 6. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, J. C.. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: Histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. Editora Cortez. São Paulo. 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993
- O que é e o que não é sustentabilidade segundo Fritjof Capra**. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/08/10/o-que-e-e-o-que-nao-e-sustentabilidade-segundo-f-capra/> Acesso em: 18 ago. 2013.
- OLIVEIRA, R. I. R.; GASTA, M.L. A. **Educação Formal Fora da Sala de Aula – Olhares Sobre O Ensino de Ciências Utilizando Espaços Não Formais**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências. Florianópolis, 8 de novembro de 2009. ISSN: 21766940. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/>>. Acesso em: 08 ago. 2013.
- OLIVEIRA, Silvio Luís de. **Tratados de Metodologia Científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses; revisão Maria Aparecida Bessana**. – São Paulo: Pioneira Thomsom Learnig, 2002.
- OLIVEIRA, Elvira de. **Geografia: O Brasil e o mundo em detalhes**. Coleção Fique por dentro. São Paulo: Klick, 2003.
- ROSA, Antonio Vitor. **Agricultura e meio ambiente** – São Paulo: Atual, 1998.
- VIEIRA, Valéria; BIANCONI, M. Lucia; DIAS, Monique. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências**. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 18 ago. 2013.